

Estéticas capilares negras do Rio de Janeiro: por uma abordagem política das estéticas corporais periféricas

Black hair aesthetics of Rio de Janeiro: for a political and discursive approach of peripheral visualities

Cristiany Soares dos Santos¹ , Daniela Novelli¹ , Lucas da Rosa¹ , Icléia Silveira¹ 

RESUMO

O presente artigo buscou identificar a construção política em torno das estéticas capilares do loiro pivete e do reflexo alinhado enquanto tendências de estilo masculina a partir das visualidades negras contemporâneas das periferias do Rio de Janeiro. Para tanto, lança mão de uma pesquisa básica, com abordagem cultural construtivista, para analisar descritiva e qualitativamente essas estéticas por meio de levantamentos bibliográfico e documental (matérias jornalísticas de *sites*, canais virtuais e perfis do Instagram). Os resultados obtidos apontam a relevância simbólica e sociocultural dessas visualidades no processo histórico contemporâneo de empoderamento das comunidades cariocas pelo viés da moda — seja pelas táticas da descontração de jovens periféricos, seja pelas táticas de redefinição da apropriação da identidade negra em lugares hegemonicamente legitimados pelo *ethos* da branquidade.

Palavras-chave: Corpos. Periferia. Estéticas masculinas. Visualidades negras. Moda.

ABSTRACT

This article sought to identify the political construction of pivete blonde and lined up highlights hair aesthetics as male style trends based on contemporary black visualities from the peripheries of Rio de Janeiro. To this end, basic research with a cultural constructivist approach was used to descriptively and qualitatively analyze these aesthetics through bibliographic and documentary surveys (journalistic articles from websites, virtual channels, and Instagram profiles). The results obtained point to the symbolic and socio-cultural relevance of these visualities in the contemporary historical process of empowerment of Rio's communities through fashion — whether through the tactics of relaxation of peripheral youths or the redefinition of the appropriation of black identity in places hegemonically legitimized by the ethos of whiteness.

Keywords: Bodies. Periphery. Masculine aesthetics. Black visualities. Fashion.

¹Universidade Estadual de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Moda – Florianópolis (SC), Brasil.
E-mails: cristiany09@gmail.com; daniela.novelli@udesc.br; lucas.rosa@udesc.br; icleia.silveira@udesc.br
Recebido em: 20/02/2024. Aceito em: 15/05/2024

INTRODUÇÃO

Assim como nos centros, as regiões periféricas também são responsáveis por criar estéticas, costumes, e reinterpretar símbolos que se tornam característicos de tais espaços. Na cidade do Rio de Janeiro, cabelos como o *loiro pivete* (cabelo masculino com tom muito próximo ao branco platinado), junto ao *reflexo alinhado*, configuram visualidades que descendem das áreas periféricas, compreendidas como uma tendência sazonal que marca o início do verão e das comemorações festivas do Carnaval.

O presente artigo teve como objetivo identificar a construção política em torno das estéticas capilares do *loiro pivete* e do *reflexo alinhado* enquanto tendências de estilo masculinas a partir das visualidades negras contemporâneas das periferias do Rio de Janeiro. Nesse sentido, as estéticas capilares são vistas, na presente pesquisa, como potenciais manifestações políticas com o intuito de desafiar padrões estético-visuais impostos por tendências de moda. Uma vez que, nesse cenário, é possível observar a influência constante de uma elite cultural que corrobora com o silenciamento estético-cultural dos corpos que habitam as periferias, constituindo-se em mais um modo de pulverizar tendências de um modelo de corpo que não performa valores e capitais que atendam às camadas médias cariocas (Goldenberg, 2015).

Por ser uma tendência reproduzida majoritariamente por corpos negros e periféricos, atribui-se a esses estilos de cabelos aspectos marginais em razão de a moda corroborar, por um longo período, a exclusão de corpos que não atendiam aos estereótipos desejados pela branquidade¹. Normaliza-se, então, o apagamento histórico e sociocultural, operado pela descaracterização e pela associação de atributos negativos, de toda e qualquer manifestação de tendência que discorra em torno das estéticas negras e periféricas.

Destaca-se a relevância da pesquisa por transcrever o olhar da moda, com base em estudos culturais que narram as estéticas periféricas do Rio de Janeiro, considerando esses espaços como potenciais detentores de comportamentos e tendências de moda. Além disso, reafirma-se a importância de estudos acadêmicos no campo da moda voltados para estéticas que surgem nas periferias cariocas, atendendo assim a uma urgência de produções de conhecimento existente sobre essa temática. Logo, a moda pode ser compreendida como uma ferramenta política capaz de valorizar as expressões dos corpos que se relacionam com culturas periféricas.

Classifica-se a pesquisa realizada como básica, qualitativa e descritiva, contemplando ainda as pesquisas bibliográfica e documental enquanto importantes procedimentos técnicos de coleta de dados. Teoricamente, contextualizam-se as periferias do Rio de Janeiro pelo viés dos estilos e tendências de moda e das estéticas originárias desses espaços; analisa-se de forma qualitativa as performances do *loiro pivete* e do *reflexo alinhado* nos corpos periféricos a partir de matérias jornalísticas de sites, canais virtuais e perfis do *Instagram*; e, finalmente, discute-se sobre suas visualidades e representações à luz da abordagem construtivista, discursiva e política proposta por Frantz Fanon (2008) e Stuart Hall (2016). Assim, ao aproximar-se dos

1 O termo é adotado por Novelli (2014) para se referir à expressão em inglês "*whiteness*", que, por sua vez, faz alusão às diferentes dimensões do privilégio de indivíduos posicionados socioculturalmente como "brancos", ligadas tanto a um "lugar de vantagem" quanto a um "ponto de vista" historicamente hegemônico.

estudos decoloniais, o presente artigo pretende contribuir para futuras pesquisas que busquem refletir criticamente sobre tendências de estilos produzidas no contexto periférico, historicamente marginalizadas por uma moda europeia, corriqueiramente aceita e naturalizada pela sociedade brasileira.

POTÊNCIAS ESTÉTICAS DAS REGIÕES PERIFÉRICAS CARIOCAS: TENDÊNCIAS DE ESTILOS E ESTÉTICAS CAPILARES

Rio de Janeiro: favelas e regiões periféricas

A cidade do Rio de Janeiro no início do século XX, após o período de abolição da escravatura, movimenta-se em direção a um processo de remodelação urbanística a fim de afirmar-se como uma capital republicana alicerçada nas noções de civilização e modernidade. O desenho da reurbanização proposto por Pereira Passos foi pensado a partir dos moldes aplicados nas reformas das cidades parisienses no século passado. Para além da ordem, a finalidade desse projeto era apagar da zona central, e portuária, do Rio de Janeiro os vestígios das populações africanas e de seus descendentes que foram escravizadas durante o Período Colonial e, ainda assim, atender aos desejos econômicos, políticos e estéticos das elites republicanas.

Até o início desse processo era possível observar-se as distinções coexistentes entre as variações de sujeitos de diferentes classes sociais que circulavam, desempenhando os seus papéis sociais e econômicos pelas áreas centrais do Rio de Janeiro antigo (Silva, 2018). Em consequência, o desconforto dos cavalheiros e das damas das elites da época em circular pela região junto aos mais pobres foi determinante para impulsionar o que Santos e Motta (2003) denominam como “cirurgia urbana”, alterações radicais feitas nas malhas urbanas da cidade por intermédio de obras públicas.

O projeto urbanístico de Pereira Passos possuía sim bons objetivos, exceto pelo fato socio-segregador que estava implícito em seus ideais, no qual trata de uma “limpeza” étnica e racial, que estava subjetivo por detrás de ideais reformadores, tendo, assim, o fim dos cortiços e empurrando a população mais pobre, principalmente os negros, para os morros e áreas mais afastadas e menos nobres. Dessa forma, a especulação imobiliária assume o lugar de contribuir para que a classe social economicamente mais baixa não ocupasse áreas agora destinadas daqueles que “mereciam” desfrutar de tal processo. urbanístico (Silva, 2018, p. 51).

Diante do exposto, a população negra e pobre que habitava o centro do Rio de Janeiro viu-se, naquele momento, desalojada e obrigada a se reorganizar em torno dos morros que cercavam a cidade, formando assim os primeiros vestígios de favelas e periferias. Nessa lógica, ao desalojar os moradores para áreas periféricas ou “empurrando-os” para os morros centrais, Passos determina esses espaços como característico das populações excluídas (Neder, 1997). Em outras palavras, as favelas e as regiões periféricas se transformam em destinos habitacionais para as populações negras e pobres, absorvendo a estigmatização que anteriormente era associada aos cortiços.

Ainda na contemporaneidade, observa-se que os vestígios desse impiedoso processo de urbanização, desenvolvido a partir de uma modernização conservadora, ultrapassa as esferas da arquitetura. Segundo Andrade (2018), as relações sociais do presente

são vítimas do projeto de cidade que teve características excludentes para a população afrodescendente e pobre. A reforma, além de criar uma segregação social, imputa nas favelas e nas regiões periféricas cariocas o estigma da violência e da marginalidade.

No entanto, nota-se que o comportamento de depreciar esses espaços não está exclusivamente associado às práticas exercidas pelos poderes paralelos que, inevitavelmente, instauraram-se nesses espaços pela falta de assistência do poder público, mas ainda devido ao fato de que, no início do século XX, as práticas culturais dos povos ex-escravizados foram proibidas e criminalizadas por lei no governo de Passos.

Os saberes, memórias e culturas, oriundos da população escravizada e, mais tarde liberta, eram malvistas pela camada dominante da cidade, primeiro considerados exóticos e inadequados, e a partir de certo ponto vistos também como em desacordo com o projeto de cidade republicana que se intentava (Andrade, 2018, p. 96).

As favelas e as periferias do Rio de Janeiro, ao se tornarem habitação oficial para essas populações, proporcionaram a liberdade de expressão estético-cultural manifestada no trabalho fundamental das escolas de samba para a afirmação das estéticas negras periféricas. Ainda nesse contexto, entende-se que esses espaços foram resistentes às imposições estético-culturais europeias e, por isso, passaram a ser marcados socialmente como inferiores (Silva, 2018).

Portanto, pode-se compreender que os arranjos urbanos do Rio de Janeiro foram constituídos com o suporte de uma política que propositalmente exclui e afasta do centro da cidade aqueles que não atendem aos padrões estéticos europeus. As tendências de estilos e estéticas de arte, moda e *design* construídas nesses espaços são invalidadas, ou ainda criminalizadas, até serem chanceladas por aqueles que ajudam a compor as camadas dominantes. É importante ressaltar que os símbolos oriundos das estéticas culturais afro-brasileiras e periféricas do Rio de Janeiro assumem outros significados quando apropriados pela branquitude presente nas centralidades.

Representações culturais e potencialidades discursivas

O imaginário social criado acerca dos territórios periféricos está envolto de signos que etiquetam negativamente os seus habitantes, podendo ser compreendido como o resultado de uma sociedade escravagista que comumente desenvolve suas relações a partir das hierarquias sociais pensadas para invisibilizar esses espaços enquanto potências criativas. Pela perspectiva de Villaça (2010), as periferias e seus espaços, com seu viés criativo, provocam os olhares conservadores e os reconstróem, conduzindo os atores a pensar novos modos de funcionamento das representações espaciais fora do estabelecido, das centralidades em oposição às margens, periferias.

A autora reitera que esses espaços podem ser percebidos como “um potencial de experimentação tanto para os atores que as constroem como para os habitantes que as vivem” (Villaça, 2010, p. 69), sendo então regiões responsáveis por produzirem soluções inovadoras, criativas, autossuficientes e sustentáveis, mesmo que tolerando por um longo período o silenciamento de suas representações culturais por parte de um sistema midiático que não as reconhecem como produtoras de discursos culturais (Faustini, 2009).

As representações, incluindo suas práticas, são um conceito-chave do “circuito cultural” (Hall, 2016) e podem ser interpretadas como parte de uma política que “constitui não somente a identidade, mas a própria qualidade existencial [...] sendo representada em seus valores, interesses, posicionamentos, prioridades, com seus membros (e não membros), suas regras e instituições” (Hall, 2016, p. 13). Dessa forma, entende-se que “representar” signifique “existir” perante a sociedade, seja por meio da aparência, seja por meio da cultura. E, nesse processo, a linguagem opera como um sistema representacional (Hall, 2016), que passa a ser explanado como recurso fundamental para a produção de significados dentro de determinada cultura.

Pertencer a uma cultura é pertencer, *grosso modo*, ao mesmo universo conceitual e linguístico, saber como conceitos e ideias se traduzem em diferentes linguagens e como a linguagem pode ser interpretada para se referir ao mundo ou para servir de referência a ele. Compartilhar esses aspectos é enxergar o mundo pelo mesmo mapa conceitual e extrair sentido dele pelos mesmos sistemas de linguagem (Hall, 2016, p. 43).

As classes dominantes, ao deterem simbolicamente alguns poderes, subjugam e excluem as periferias por estas serem territorialidades que produzem linguagens culturais que não são de seus interesses. Assim, o contexto midiático reproduzido pela máquina publicitária hegemônica tem suas responsabilidades no apagamento das linguagens e sentidos da população afro-brasileira e periférica, visto que há uma intenção na manutenção de um sistema representacional estético e discursivo em que “o branco está fechado na sua brancura” (Fanon, 2008).

Segundo Hall (2016, p. 83), “é o discurso – não as coisas por elas mesmas — que produz o conhecimento”. Por sua vez, o discurso se forma quando a linguagem e a prática se associam, contrapondo à ideia de que as ações estão distintas das linguagens do sujeito (Hall, 2016); o discurso “produz os objetos do nosso conhecimento, governa a forma com que o assunto pode ser significativamente falado e debatido, e também influencia como ideias são postas em prática e usadas para regular a conduta dos outros” (Hall, 2016, p. 80). Embora o colonialismo, como processo político, tenha acabado ainda no século XIX, suas práticas continuaram sendo exercidas como movimento de poder sob as corporeidades negras e periféricas, resultando em um discurso hegemônico que exclui e estereotipa esses indivíduos que não estão de acordo com as linguagens reconhecidas e validadas. Segundo Fanon (2008), o processo de inferiorização dos corpos negros é resultado de uma carga negativa de um sistema colonial que os colocam majoritariamente em um lugar de vilania, violentando simbolicamente e gerando traumas.

Diante disso, entende-se, no presente estudo, que as territorialidades periféricas passam a criar táticas para que suas linguagens culturais sejam percebidas para além dos discursos que são impostos pela centralidade. Conforme Certeau (2002), as táticas podem ser consideradas ações que atuam entre as lógicas conservadoras das estratégias, sendo responsáveis por desenvolverem ideais de comportamentos e determinarem o que está de acordo com suas regras. Desse modo, o autor afirma que “a tática é determinada pela ausência de poder, assim como a estratégia é organizada pelo postulado de um poder” (Certeau, 2002, p. 101).

Assim, ao abordar-se as tendências de estilos que são protagonistas no contexto das estéticas periféricas, bem como as estéticas desenvolvidas nas regiões periféricas do Rio de Janeiro, perceber-se que há a intenção de criar modos de representações que (re)existam perante um sistema de moda que discursa em prol de um sistema que sustenta desigualdades.

Tendências de estilo e estéticas da periferia

A moda, bem como o estilo e as tendências, são usualmente apresentados a partir de uma perceptiva que engloba apenas as roupas e o vestir como parte desse conjunto. Apesar de terem um vínculo de proximidade, é importante elucidar que a moda “atua no campo do imaginário, dos significantes; é parte integrante de uma cultura” (Sant’Anna, 2007, p. 74). Ao contrário do vestuário, que se apresenta como ferramentas de auxílio para o exercício desses três componentes.

Ao aproximar-se do campo da comunicação, a moda pode ser interpretada como um elemento não verbal que transmite informações por meio da imagem de um indivíduo, de sua aparência. Conforme Sant’Anna (2007), os distintos grupos sociais são constituídos a partir das noções da aparência, e os padrões de beleza instituídos na sociedade podem ser compreendidos como instrumentos de poder para aqueles que estão em consonância com esses moldes.

Aparência corporal é um saber social que permite a efetivação de práticas que tendem a se constituir em estratégias sociais, baseadas na sedução de si e dos outros. Identificar a excelência corporal, variante conforme os diversos grupos sociais, numa sociedade a ser pesquisada, é compreender como as estratégias particulares e societais se articulavam para constituir uma hierarquia social (Sant’Anna, 2007, p. 78).

Enquanto *ethos* de poder, a branquitude camufla um lugar social privilegiado e de protagonismo branco, pois atende historicamente aos desígnios de estilo e beleza do período colonialista. As hierarquias sociais desse grupo assumem outras composições quando comparadas com grupos de corporeidades negras e periféricas. Segundo Novelli (2014), o colonialismo também pode ser compreendido como uma “máquina desejanter”. Em outros termos, o sistema ultrapassa as camadas políticas e implanta no campo das estéticas mecanismos que desconsideram as tendências de estilo e beleza do Outro (não branco) por estar em desacordo com os seus desejos.

Por se alicerçar em características coloniais, coube ao sistema da moda o poder de perpetuar o protagonismo dos aspectos simbólicos dos corpos brancos. Os comportamentos sociais e culturais dessa população tornaram-se instrumento de inspiração para produtos de moda em uma escala física e visual. Conforme Rech e Gomes (2018), as manifestações sociais que se constituem por meio de valores e desejos e visivelmente concretizadas por meio dos comportamentos sociais são categorizadas como tendências. Campos e Wolf (2018, p. 15), no entanto, completam que esses “são fenômenos que concernem o gosto e o estilo”.

O estilo, por sua vez,

vai englobar elementos estéticos e subjetivos que seguem uma espécie de concisão ou forma singular de encontro entre variáveis de naturezas diversas, que caracterizam um movimento, um agrupamento, um modo de escrever, de tocar, de se expressar, entre outras manifestações (Mesquita, 2009, p. 9).

Portanto, ao olhar historicamente e de modo geral para as produções imagéticas da moda ocidental e europeizada, percebe-se que as tendências de estilo retratadas pelas mídias estiveram por um longo período à volta com arquétipos da branquidade, pois o desdobramento da naturalização do corpo [branco] da moda (dominante, interessado em atender aos desejos do colonizador) acarreta para o sistema hegemônico e privilegiado sociocultural e economicamente da branquidade todas as responsabilidades de uma violência simbólica — uma vez que esse *ethos* é utilizado com o intuito de legitimar os poderes simbólicos do grupo branco (Novelli, 2014).

Partindo dessa perspectiva, é notório que as tendências de estilo que obtiveram protagonismo dentro dos setores da moda no Brasil foram aquelas que não tinham vínculos com as corporeidades periféricas e negras. Assim, o ideal estético de moda criado em um país composto majoritariamente de indivíduos negros e residentes das áreas periféricas está ao redor de padrões brancos e elitista. Em outros termos, os panoramas hegemônicos da indústria da moda invalidam os estilos que não estão de acordo com os seus padrões, estando ainda a definição do “feio” associada à intensidade racial, como bem aponta Mesquita (2002).

As negações das tendências de estilo de corpos negros e periféricos, assim como o preconceito histórico sobre eles construído como fruto do processo de higienismo imposto no início do século XX perante os descendentes das populações que foram escravizadas, podem ser considerados como uma violência simbólica que se perpetua pelo sistema das estéticas há mais de 100 anos. Para além dos padrões tradicionais, as tendências de estilos que emergem no contexto periférico constituem um caminho que os atores desses espaços trilham para (re)desenhar outros referenciais estéticos, e a valorização dessas estéticas vai sendo reconstruída por esses atores por meio de discursos nos ciberespaços, que as desassocia dos marcadores marginais, por exemplo, o *loiro pivete* e o *reflexo alinhado*.

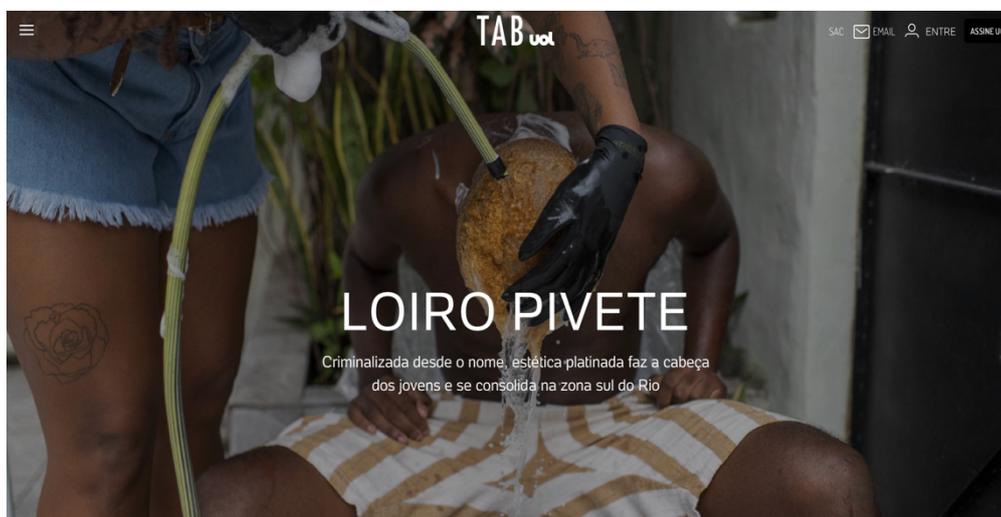
O *loiro pivete* emerge no início dos anos 1990 nas comunidades das periferias cariocas, com os jovens que descoloriam seus cabelos no intuito de *dar bossa* em seus estilos para a chegada do verão e do Carnaval (Soupin, 2020). É oportuno enfatizar que os dados referentes à origem da tendência de estilo conhecida como *loiro pivete* são, em grande medida, empíricos. Embora a precisão dos dados seja limitada, as evidências disponíveis sugerem que suas primeiras manifestações ocorreram primordialmente no contexto da cultura do funk e do pagode, durante a década de 1990, quando homens jovens das áreas periféricas do Rio de Janeiro passaram a descolorir seus cabelos com água oxigenada, influenciados por pagodeiros e funkeiros da época (Coutinho, 2022). Partindo-se desse entendimento, os cabelos descoloridos (Figura 1), para os atores que os incorporam, estão associados a um momento de descontração que celebra uma tendência cultural que desafia as associações pejorativas atribuídas a esses corpos por aqueles que não as compreendem ou as consideram marginais.



Fonte: Afotografacia (2022a).

Figura 1. *Loiro pivete*, tendência cultural das comunidades periféricas cariocas.

No material jornalístico publicado pela UOL, na seção *TAB*, que busca abordar as realidades das ruas no cotidiano brasileiro, o “*loiro pivete*” é apresentado não só pelo viés de comunidades periféricas do Rio de Janeiro, mas também pelas zonas privilegiadas da cidade (Figura 2), em que se lê: “Criminalizada desde o nome, estética platinada faz a cabeça dos jovens e se consolida na zona sul do Rio”. Observam-se as diferenças de tratamento entre os sujeitos das comunidades periféricas da Zona Sul do Rio de Janeiro e dos bairros ricos dessa mesma região, quando os cabelos descoloridos estão embutidos entre os corpos desses dois espaços.



Fonte: Soupín (2020).

Figura 2. Reportagem especial sobre o *loiro pivete*.

Em outros termos, se descolorir os cabelos está associado a um “visual cool” para os corpos de sujeitos que habitam territorialidades privilegiadas, nas periferias aqueles que fazem uso dessa estética assumem características de um bandido, do “pivete”. Na reportagem, pontua-se ainda a preocupação perante as interpretações feitas por parte dos grupos militares, as polícias, sobre a aparência dos jovens negros quando

fazem uso dessa tendência de estilo, o *loiro pivete*; a dominação corporal é também vista sob o viés das milícias — que, com truculência, constrangem, ameaçam e, ainda assim, proíbem os jovens negros de usarem os cabelos descoloridos para além das datas festivas de fim de ano e Carnaval nas áreas periféricas sobre as quais exercem controle.

Entretanto, como sinal de resistência e contrapondo os preconceitos e as violências, pontua-se a ação realizada no Museu de Arte do Rio (MAR) pelo artista plástico Maxwell Alexandre, denominada “Descoloração Global Pré-Carnaval” (Figura 3), na qual a intenção era ocupar as esferas do museu com o hábito que faz parte das culturas negras e periféricas do Rio de Janeiro: a extroversão entre os jovens negros e periféricos no momento da descolorização de seus cabelos.



Fonte: Álbuns de Museu de Arte do Rio (2020).

Figura 3. Fotos da ação *Descoloração Global Pré-Carnaval*, 2020.

O artista, oriundo da favela da Rocinha, declara em entrevista para o portal TAB UOL:

Preto loiro para mim é sinônimo de poder, uma vez que existe o estigma em relação ao cabelo descolorido em pessoas de pele preta. Escolher ser loiro, quando se é preto, é enfrentar esses estereótipos. Ou seja: é uma afirmação de liberdade contra o juízo do corpo preto. A gente tem que ser o que a gente quer ser. Afirmar isso esteticamente é um exercício de liberdade e poder (*apud* Soupín, 2020).

Nesse contexto, o artista em questão, ao realizar outras ações similares em territórios periféricos do Rio de Janeiro, como a Rocinha e o morro do Santo Amaro, destaca a tendência de estilo em questão e contribui ainda para desassociá-la de quaisquer conotações marginalizadas. Para o cenário da arte, contribui-se para o rompimento das hierarquias tradicionais, demonstrando um compromisso com a democratização do entendimento da “arte” no contexto periférico e para a ampliação de um diálogo cultural que promova de fato uma reflexão sobre as questões de identidade, poder e representação na sociedade contemporânea.

A valorização do estilo *loiro pivete* se reafirma em diferentes territórios. O fotolivro *Loiro pivete: da margem ao centro* explana a tendência de estilo no contexto das comunidades periféricas da cidade de Ilhéus, Bahia (Figura 4), no qual é possível observar semelhanças relacionadas à tendência de descolorir os cabelos, quando comparada com o Rio de Janeiro. A obra é um convite à reflexão sobre a descoloração não como um mero ato estético, mas como um poderoso instrumento de afirmação cultural e pessoal dentro da comunidade negra baiana, sobrepondo os estereótipos marginais. Em outras palavras, compreende-se o projeto fotográfico enquanto “movimento de redefinições na apropriação da identidade e na construção de autoestima de jovens negros periféricos” (Sales, 2020, p. 67).



Fonte: Sales (2020).

Figura 4. Fotolivro *Loiro pivete: da margem ao centro*.

Os relatos autênticos e as imagens impactantes humanizam, dão voz aos protagonistas e reforçam a construção de perspectivas positivas em torno da tendência capilar, ao mostrar as formas nas quais a descoloração se integra ao cotidiano e à cultura das comunidades periféricas de Ilhéus. De modo geral, é possível perceber que a prática da descoloração é uma celebração da alegria e da resistência das produções estéticas provenientes dos territórios periféricos. Portanto, é imprescindível acreditar

no potencial da arte, cultura e beleza humana na construção de uma sociedade mais justa, plural e diversa, com indivíduos respeitados por sua identidade e estilo, admirados por sua ousadia e inteligência, uma sociedade onde ser pivete seja símbolo de alegria, irreverência e criatividade (Sales, 2020, p. 60).

Ao analisar os *frames*² (Figura 5) do vídeo produzido pela produtora *Kondizilla*, disponível em seu canal do YouTube, observa-se que o *loiro pivete*, ainda que apresentado em um contexto paulistano, tem o mesmo sentido quando vistos nas periferias cariocas: fortalecer a autoestima de jovens negros periféricos em um âmbito estético-político. Portanto, compreende-se que a intenção dos protagonistas do audiovisual é

² O termo em inglês é usado para referenciar os quadros das imagens de produções audiovisuais.

engajar-se em um diálogo sobre a imagem corporal com base na valorização de uma estética que desafia as normas convencionais de beleza e comportamento.

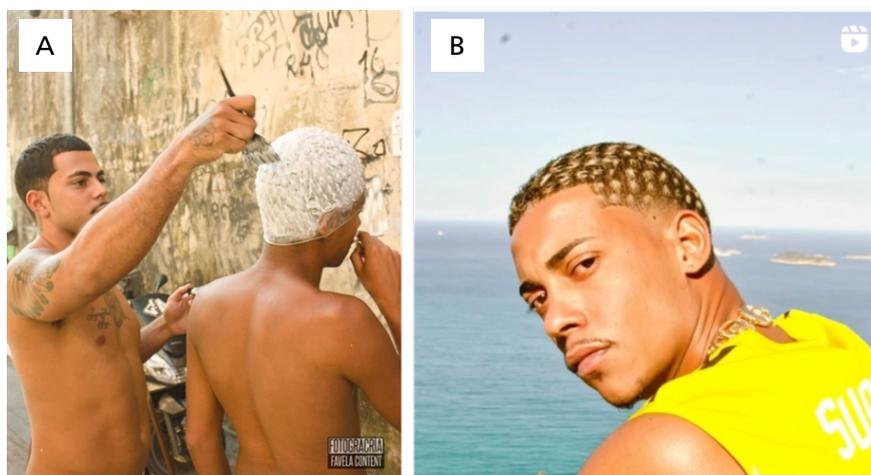


Fonte: Kondizilla (2020).

Figura 5. Ngks Pintando O Cabelo De Loiro Pivete.

Ainda na plataforma de vídeos YouTube, pode-se perceber uma vasta série de conteúdos produzidos por diferentes jovens de contextos periféricos do Brasil que reproduzem tutoriais com técnicas para atingir o descolorido perfeito nos cabelos masculinos, seja o *loiro pivete*, seja o *reflexo alinhado*. Nesse sentido, as periferias, com suas particularidades, distribuídas geograficamente por diferentes espaços do país, têm similaridades entre elas (Ávila, 2006). Em outras palavras, tais estéticas capilares, que emergem nas comunidades periféricas do Rio de Janeiro, ganham protagonismo em outros territórios periféricos do país.

O *reflexo alinhado*, por sua vez, é conhecido empiricamente como uma derivação de estilo do *loiro pivete*. A tendência torna-se popular após ser difundida pelo funkeiro MC Poze do Rodo; é uma técnica usada para descolorir mechas dos cabelos masculinos com o auxílio da touca de reflexo (Figura 6).



Fonte: Afotogracia (2022a; 2022b).

Figura 6. Técnica do *reflexo alinhado* e o seu resultado.

Nas extensões periféricas do Rio de Janeiro, a tendência de estilo pode ser percebida como uma alternativa para preservar-se estética e socioculturalmente perante as apropriações de estilo que são feitas pelas classes dominantes e, ainda assim, desafiar as normas sociais e culturais convencionais, muitas vezes de forma provocadora, com uma subversão estética que redefine a ideia de beleza e autoexpressão projetadas nos corpos negros e periféricos por parte de uma elite que exclui ou marginaliza aqueles com características físicas não conformes. Dessa forma, tal tendência contribui significativamente para a construção e o fortalecimento de uma identidade estética fundamentada em referências negras e periféricas, que confronta as normas eurocêntricas.

Observa-se, também, que em alguns momentos o *loiro pivete* aparece em discursos nas redes sociais com outra nomenclatura: o *nevou* (Figura 7). Lê-se na legenda de uma das postagens da Figura 7, feita pelo barbeiro Bruno Garcia: “VERDADEIRO NEVOU DAS COMUNIDADES, 0 maquiagem, 0 efeito”. Tais expressões adotadas aparentam ser tentativas desses sujeitos marginalizados de substituírem os arquétipos negativos, bem como sobrepôr as nuances de um sistema racista que comumente são associadas aos seus corpos a partir do termo “pivete”, ao recriar uma terminologia a partir de seus próprios referências para essa tendência de estilo — que é constantemente subjugada pelas estruturas racistas da sociedade brasileira.



Fonte: Garcia (2022) e Rodrigo (2022).

Figura 7. O estilo *nevou* apresentado nos discursos de diferentes barbeiros

É importante ressaltar que as estéticas culturais periféricas se fortalecem quando essas tendências de estilo aparecem em destaque nas grandes mídias tradicionais,

em corpos negros e periféricos, justamente porque as culturas das comunidades periféricas são alvo de discursos racistas ainda que estrategicamente corroboradas em campanhas de moda estreladas por personalidades de grande relevância, por exemplo, a campanha da Calvin Klein protagonizada pelo jogador de futebol Richarlison usando tal estilo de cabelo. Ainda assim, essa é uma das formas de comprovar que as corporeidades negras e periféricas não estão atreladas ao crime ou, então, fadadas ao fracasso por fazerem uso dessas tendências de estilo. Pelo contrário, como é possível observar na postagem do repórter da TV Baiana, Raoni Oliveira, que fez uso do *loiro pivete* na apresentação de um programa (Figura 8).



Fonte: Oliveira (2022).

Figura 8. O estilo *loiro pivete* e a importância de seu protagonismo em corpos negros e periféricos nos contextos midiáticos tradicionais.

Lê-se parte da legenda da postagem da Figura 8, feita por Raoni: "Meu cabelo diz apenas sobre mim e sobre a cultura que faço parte, que é preta e periférica. Nos últimos dias, recebi diversos relatos de garotos de quebrada que se viram representados ao me assistirem na TV". O contexto de produção de seu discurso reforça o quanto as mensagens positivas traduzem a importância simbólica da aparição de sua imagem em um local midiático de protagonismo fazendo uso de uma tendência que é majoritariamente vítima de discursos elitistas e racistas fora das periferias. Assim, compreende-se que, ao ser aplicado ao contexto da beleza e da estética, o termo "pivete" é reinterpretado por indivíduos negros e periféricos que enfrentam, historicamente, opressões por utilizar a tendência capilar como forma de expressão.

Em suma, o *loiro pivete* e o *reflexo alinhado* são estéticas que passaram a fazer parte do universo das periferias brasileiras, e para atores negros e periféricos, essas tendências, mesmo que discriminadas, são instrumentos de empoderamento que tonificam suas aparências. Com base no exposto, cabe às periferias o papel tático de permear os discursos formados estrategicamente com o intuito de descaracterizarem as estéticas que são provenientes das periferias.

DISCUSSÕES A PARTIR DO LOIRO PIVETE E DO REFLEXO ALINHADO

A moda, enquanto precursora no campo de tendências estéticas e comportamentais, apropria-se de estudos de comportamento desenvolvidos para que novas estéticas sejam incorporadas em produtos de moda e ainda nos estilos dos consumidores. Por sua vez, esses mapeamentos comportamentais são feitos predominantemente a partir de um contexto central, que leva pontualmente em consideração costumes que surgem nas regiões das periferias.

Enquanto tendências de estilo, o *loiro pivete* e o *reflexo alinhado* são comumente representados por corpos negros e periféricos; por sua vez, as estéticas capilares mencionadas raramente fazem parte do centro das representações culturais de moda, visto que essas foram estrategicamente construídas por uma branquidade que, muitas vezes, distorce os significados originais das tendências de estilo provenientes das comunidades negras e periféricas. Apesar de haver um reconhecimento simbólico das contribuições estéticas e culturais dessas comunidades, existe uma tentativa de adaptá-las aos moldes das dinâmicas midiáticas (Villaça, 2012). Em contrapartida, os sujeitos periféricos fazem uso dessas estéticas e criam táticas para (re)existirem às formas as quais o sistema da moda ajuda a corroborar por meio de uma linguagem conservadora, hegemônica e elitista.

Neste estudo, as estéticas criadas a partir dessas tendências de estilo, o *loiro pivete* e o *reflexo alinhado*, estão associadas à (re)existência e à provocação das lógicas de “aparência de poder” que são impostas por uma moda hegemônica (Sant’Anna, 2007). Por sua vez, as dinâmicas dessa moda colonial interferem diretamente nas normas culturais e raciais nas vidas de indivíduos negros e periféricos, bem como em suas questões de identidade e autoimagem.

Assim, Fanon (2008) argumenta, a partir de suas análises de experiência de indivíduos negros que vivem em sociedades colonizadas e dominadas pela branquidade, que devido ao colonialismo e ao racismo, muitas pessoas negras desenvolvem uma “máscara branca” — em outras palavras, adotam padrões de comportamento, linguagem e aparência associados à cultura branca dominante como uma forma de tentar se encaixar e ganhar aceitação na sociedade. Nessa perspectiva, os corpos negros e periféricos adotam as tendências estéticas não convencionais, por exemplo, o *loiro pivete* e o *reflexo alinhado*, como uma forma de desafiar a “máscara branca”, rejeitando ativamente a ideia de que precisam se conformar com padrões de beleza eurocêntricos para serem valorizados ou aceitos. Ainda assim, tais escolhas estéticas podem ser interpretadas como uma afirmação de identidade, uma recusa em se submeter às normas culturais que promovem a branquidade como padrão de beleza e uma busca pela autoexpressão autêntica. Nesse sentido, os atores negros e periféricos passam a deter o poder de influenciar, por meio da aparência, aqueles que estão ao seu redor, distanciando-se dos poderes da branquidade e fortalecendo as tendências de estilo que reforçam suas identidades culturais.

O movimento de conduzir o hábito da descoloração dos cabelos para os espaços do museu, lançado pelo artista plástico Maxwell Alexandre, está além do protagonismo, pois constitui uma forma de apresentar essa estética e seus efeitos políticos

para as elites culturais que circulam dentro do museu no universo da arte enquanto uma estética cultural das periferias e, ainda, de explicitar que os espaços dos museus também precisam ser ocupados pelas representações culturais periféricas. Essas representações são resultantes da combinação entre sentidos e linguagens políticas que vão sendo construídas (Hall, 2016). Ao propor essas ações, Maxwell Alexandre não desafia apenas as normas estéticas convencionais, mas a própria estrutura e função dos museus como locais de poder e representação cultural, enfatizando a importância do reconhecimento de vozes e expressões periféricas dentro e fora desses espaços.

O contraste entre as percepções do *loiro pivete* nos diferentes estratos sociais e geográficos do Rio de Janeiro ilustra uma dicotomia marcante na sociedade brasileira: a estigmatização *versus* a apropriação de estilo. Na reportagem do portal TAB UOL (Soupin, 2020), observa-se como a tendência de estilo pode ser interpretada de maneira radicalmente diferente, dependendo do contexto social. Enquanto nos bairros ricos o *loiro pivete* pode ser visto como uma escolha de moda ou expressão individual por estar associado a corpos brancos, nas comunidades periféricas é frequentemente estigmatizado, vinculado à criminalidade e à marginalização — essa disparidade de percepção não apenas reflete as desigualdades sociais e econômicas do Rio de Janeiro, mas também evidencia o papel simbólico dos estereótipos e dos preconceitos na formação de opiniões e juízos de valor.

Além disso, destaca-se como a representatividade positiva desempenha um papel crucial na reconfiguração dessas percepções. A presença de figuras públicas, como o jogador de futebol Richarlison ou o repórter Raoni Oliveira, que adotam o *loiro pivete* como parte de sua identidade e expressão cultural, ajuda a desafiar estereótipos e a empoderar indivíduos negros e periféricos. Ao aparecerem em espaços midiáticos de destaque com essa estética, eles não só reafirmam sua identidade e cultura, mas oferecem representações alternativas que contrapõem narrativas hegemônicas, elitistas e de cunho racista.

Quando o *loiro pivete* é representado em uma condição de protagonismo dentro do museu, ou em outros contextos midiáticos, produz-se o entendimento de que esse é um fenômeno popular formado com base em referenciais de uma moda oriunda das comunidades periféricas. Nesse sentido, as linguagens criadas nesse contexto têm o sentido importante na construção da autoestima dos jovens negros periféricos. O fotolivro *Loiro Pivete*, bem como a aparição da tendência de estilo protagonizada por uma corporeidade negra em veículos de comunicação tradicionais, provocam identificação, empoderamento e a reafirmação do poder da aparência pelos vieses das estéticas culturais periféricas. O *loiro pivete* e o *reflexo alinhado* enquanto tendências de estilo podem representar a busca pela autenticidade e pela liberdade de os corpos negros — e, sobretudo, os periféricos — serem quem são sem comprometer sua identidade racial, visto que esses enfrentam um conflito entre sua identidade autêntica e as expectativas da sociedade branca (Fanon, 2008).

Embora haja uma tentativa de controle social dessas tendências de estilo por parte dos grupos dominantes, observa-se que há um confronto silencioso, por parte desses jovens, quando essas estéticas são frequentemente reproduzidas e

adaptadas. O enfrentamento silencioso pode ser interpretado como resposta para a opressão que essas corporalidades sofrem, pois tem-se uma noção mais concreta das dimensões de poder desses grupos. Esse é um movimento que poderia ser compreendido por Certeau (2012) como “tática”, uma vez que:

Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as “ocasiões” e delas dependem, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. O que ela ganha não se conserva. Este não-lugar lhe permite sem dúvida mobilidade, mas numa docilidade aos azares do tempo, para captar no voo as possibilidades oferecidas por instante. Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia. Em suma, a tática é a arte do fraco (Certeau, 2012, p. 100).

Percebe-se que as tendências de estilo periféricas que foram perseguidas pelo senso estético global passam a adquirir protagonismo e interesse daqueles que não estão inseridos nas regiões das comunidades periféricas (Villaça, 2010). Portanto, as táticas passam a ser percebidas no momento em que se traz uma alternativa de nomenclatura para o *loiro pivete* com o intuito de desassociá-la simbólica e visualmente dos discursos marginais, bem como quando se cria uma nova tendência de estilo, como a do *reflexo alinhado*, para driblar as apropriações e os esvaziamentos históricos e culturais no contexto social da branquidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa teve como centro de estudo o *loiro pivete* e o *reflexo alinhado*, duas tendências capilares de estilo que fazem parte do universo estético e sociocultural proveniente das comunidades periféricas do Rio de Janeiro e que, simbolicamente, passam a difundir também seus comportamentos e posicionamentos político-identitários. Nesse sentido, essas territorialidades, decorrentes de um projeto político branco e higienizador que excluiu e marginalizou culturas negras e seus indivíduos descentes, são também lugares potentes da luta pelo reconhecimento discursivo de formas próprias de conhecimento e de ideias postas em prática de forma tática — incluindo contemporaneamente visualidades do ciberespaço, no qual mídias sociais virtuais mais espontâneas e democráticas estão presentes.

As análises realizadas sobre fontes midiáticas trazidas no presente artigo confirmaram que a escolha do loiro para os cabelos (tanto no *loiro pivete* quanto no *reflexo alinhado*, sua derivação) de corpos negros significa enfrentamento de estereótipos por meio da (re)existência estética-política, seja voltado para a descontração (de jovens periféricos em perfis, sites, canais virtuais, fotolivro), seja voltado para a redefinição da apropriação da identidade negra em lugares hegemonicamente legitimados pela branquidade (museus, telejornal de TV aberta).

Pode-se afirmar, então, que essas estéticas capilares, enquanto tendências emergentes de estilo das comunidades periféricas do Rio de Janeiro, ganham outras territorialidades, exercendo o papel de abrir precedentes para pensar a moda e as tendências de estilo pelo viés periférico e, ainda assim, produzir novos ideais

estéticos a partir de visualidades associadas a elementos culturais negros e periféricos. Foi possível refletir sobre o fato de que as linguagens e as representações culturais formadas pela branquidade, o *ethos* do famigerado “grupo detentor do poder aparência”, resultam em discursos cristalizados que discriminam e oprimem outras representações existentes — embasados por teorias conservadoras, elitistas e preconceituosas, uma vez que os julgamentos são feitos a partir da perspectiva das representações centrais. Finalmente, acredita-se que o presente estudo possa colaborar para uma discussão de moda que englobe tendências de estilos protagonistas das comunidades periféricas, incentivando novos estudos com a intenção de reconhecer esses espaços como potencialidades estéticas.

REFERÊNCIAS

ÁLBUNS DE MUSEU DE ARTE DO RIO. Descoloração Global com Maxwell Alexandre. **Facebook**, 2020. Disponível em: https://www.facebook.com/media/set/?set=a.2768121393267440&type=3&comment_id=27723092695153198. Acesso em: 25 nov. 2022.

ANDRADE, Vanessa de Araujo. A reforma Pereira Passos, a memória da escravidão e algumas implicações sociais e raciais. **Mosaico**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 15, p. 86-104, 9 dez. 2018. <https://doi.org/10.12660/rm.v9n15.2018.76897>

ÁVILA, Milene Peixoto. **Periferia é periferia em qualquer lugar?** Antero Garcia: estudos de uma periferia interiorana. 2006. 250 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/1507/DissMPA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 27 out. 2022.

CAMPOS, Amanda Queiroz; WOLF, Brigitte. O conceito de tendência na moda: significado, histórico, conotação. **Moda Palavra**, Florianópolis, v. 11, n. 22, p. 11-30, 6 mar. 2018. <https://doi.org/10.5965/198261x1122018>

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

COUTINHO, Thierry da Silva. **“Ado-a-ado, cada um no seu quadrado!”: o lugar das representações negras periféricas no discurso midiático do “novo homem” da moda**. 2022. 168 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: https://www.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/1713324_2022_completo.pdf. Acesso em: 6 abr. 2024.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FAUSTINI, Marcus Vinícius. **Guia Afetivo da Periferia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

FOTOGRAÇRIA. **Fotografaria Capture the Brazilian Bleached Hair Culture & Trend Inside Favelas**. Rio de Janeiro, 23 out. 2022a. **Instagram: @fotografaria**. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CkEkiMbOyux/>. Acesso em: 25 nov. 2022.

FOTOGRAÇRIA. **Poze el sabio do rodo**. Rio de Janeiro, 1º out. 2022b. **Instagram: @fotografaria**. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CjL0wVvrHmi/>. Acesso em: 25 nov. 2022.

GARCIA, Bruno. **VERDADEIRO NEVOU DAS COMUNIDADES, 0 maquiagem, 0 efeito**. 8 maio 2022. **Instagram: @brunogarciaoficial**. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CPBFXJunEqf/>. Acesso em: 25 nov. 2022.

GOLDENBERG, Mirian. **O corpo como capital: estudos sobre gênero, sexualidade e moda na cultura**. 3. ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2015.

HALL, Stuart. **Cultura e Representações**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016.

KONDIZILLA, Portal. **NGKS Pintando o Cabelo de Loiro Pivete**. **YouTube**, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3YXUKm2oO7g>. Acesso em: 25 nov. 2022.

MESQUITA, Cristiane. Roupas território da existência. **Fashion Theory**, v. 1, p. 116-124, 2002.

MESQUITA, Cristiane. O império do estilo. **Revista Iara**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 1-29, nov. 2009. Disponível em: https://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistaiara/wp-content/uploads/2015/01/02_IARA_vol2_n2_Dossie.pdf. Acesso em: 21 out. 2022.

NEDER, Gizlene. Cidade, Identidade e Exclusão Social. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 106-134, jan.-ago. 1997. Disponível em: https://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg3-5.pdf. Acesso em: 22 out. 2022.

NOVELLI, Daniela. **A branquidade em Vogue (Paris e Brasil):** imagens da violência simbólica no século XXI. 2014. 345 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/123183>. Acesso em: 5 nov. 2022.

OLIVEIRA, Raoni. **Twitter**. Disponível em: <https://twitter.com/ORaoniOliveira/status/1346529673417781248>. Acesso em: 25 nov. 2022.

RECH, Sandra Regina; GOMES, Nelson Pinheiro. Sistema, princípios e práticas. **Alceu**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 37, p. 66-82, 10 dez. 2018. <https://doi.org/10.46391/alceu.v19.ed37.2018.93>

RODRIGO, Wr Barbeiro - Washington. Ritmo de fim de ano, nevou. Rio de Janeiro. **Instagram: @wrbarbeiro**, 29 nov. 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CIKAA7wOwaF/>. Acesso em: 25 nov. 2022.

SALES, Ana Lee. **Loiro Pivete: da margem ao centro**. Bahia: Lei Aldir Blanc, 2020.

SANT'ANNA, Mara Rúbia. **Teoria da Moda: sociedade, imagem e consumo**. Barueri: Estação das Letras, 2007.

SANTOS, Angela Moulin Simões Penalva; MOTTA, Marly Silva da. O “bota-abaixo” revisitado: executivo municipal e as reformas urbanas no Rio de Janeiro (1903-2003). **Revista Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, n. 10, p. 11-33, maio 2003. Disponível em: http://www.forumrio.uerj.br/documentos/revista_10/10-Angela-Marly.pdf. Acesso em: 22 out. 2022.

SILVA, Marcelo Penna da. O processo de urbanização carioca na 1ª República do Brasil no século XX: uma análise do processo de segregação social. **Estação Científica**, Macapá, v. 8, n. 1, p. 47-56, 22 jan. 2018. <https://doi.org/10.18468/estcien.2018v8n1.p47-56>

SOUPIN, Elisa. Loiro Pivete: Criminalizada desde o nome, estética platinada faz a cabeça dos jovens e se consolida na zona sul do Rio. **TAB**, 2020. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/reportagens-especiais/loiro-pivete.htm>. Acesso em: 25 nov. 2022.

VILLAÇA, Nizia. **Mixologias: comunicação e consumo**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010.

VILLAÇA, Nizia. **A periferia pop na idade mídia**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2012.

Sobre os autores

Cristiany Soares dos Santos: mestranda em Design pela Universidade Estadual de Santa Catarina.

Daniela Novelli: doutora em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Lucas da Rosa: doutor em Design pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Icléia Silveira: doutora em Design pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Conflito de interesses: nada a declarar – **Fonte de financiamento:** nenhuma.

Contribuições dos autores: Santos, C. S.: Conceituação, Investigação, Curadoria de Dados, Escrita – Primeira Redação, Escrita – Revisão e Edição. Novelli, D.: Escrita – Revisão e Edição; Supervisão. Rosa, L.: Escrita – Revisão e Edição; Supervisão. Silveira, I.: Escrita – Revisão e Edição; Supervisão.

